

PESQUISA BRASILEIRA RECENTE EM GÊNERO, INFÂNCIA E DESEMPENHO ESCOLAR

Fábio Hoffmann Pereira (FEUSP)*

Resumo

Este artigo apresenta parte do levantamento bibliográfico da pesquisa de doutorado em andamento, enfocando em seus dois eixos principais, as Relações de Gênero e a Sociologia da Infância. Pretende-se mostrar a evolução dos estudos sobre desempenho escolar com enfoque nas relações de gênero, que já constituem campos de pesquisa instituídos no Brasil, tendo inclusive autores nacionais que são referência para a produção acadêmica. Em contrapartida, os estudos sobre desempenho escolar que se dedicaram a incluir as crianças como principais informantes são ainda muito escassos, mostrando que a Sociologia da Infância ainda é um campo que está se constituindo teórico-metodologicamente. Ao final, justifica-se a pesquisa em andamento que une as duas áreas, num estudo sem precedentes no Brasil.

Palavras-Chave: Desempenho Escolar. Relações de Gênero. Sociologia da Infância. Aluno. Meninos. Meninas.

Introdução

Vários trabalhos brasileiros e estrangeiros têm trazido resultados de investigações sobre as diferenças de desempenho escolar entre meninos e meninas (SILVA *et al.*, 1999; BRITO, 2004; DAL IGNA, 2005; JONES e MYHILL, 2004; CONNOLLY, 2004; CARVALHO, 2001, 2004a). Alguns (COHEN, 1998; PEREIRA, 2008) apresentam que algumas causas de dificuldades de aprendizagem são mais percebidas em meninos pelas professoras, enquanto outras são mais percebidas em meninas. Muitas vezes, a dificuldade de aprendizagem pode ser constituída a partir de desajustes do aluno ou aluna a um ideal de estudante exigido pela instituição escolar.

* Pedagogo, mestre e doutorando em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Diretor de Escola da Prefeitura de São Paulo.

Em trabalho anterior (PEREIRA, 2008) abordei o que ouvi de algumas professoras que entrevistei, sobre as dificuldades de crianças encaminhadas a um programa de recuperação paralela. No entanto, a questão que se colocara, que é o porquê da maior presença de meninos em projetos ou programas de recuperação escolar, permaneceu em aberto. Este item tem o objetivo de problematizar algumas das (in)conclusões daquela pesquisa e propor questionamentos acerca de um novo objeto proposto. Para mim, “a maior dificuldade enfrentada pelas crianças que possuem defasagem em leitura e escrita, segundo as falas das professoras, refere-se ao não aprendizado dos rituais e não adaptação às regras e normas que se exigem quando é necessário estudar” (Ibidem, p. 94). Além disso, estas dificuldades eram percebidas de maneiras diferentes quando se tratava de meninos e de meninas. Algumas dificuldades são percebidas em meninos (e poderíamos supor que sejam consideradas “masculinas”), enquanto outras são mais percebidas em meninas (ou seja, “femininas”).

O foco deslocou-se, então, do encaminhamento de alunos e alunas à recuperação escolar para a busca da compreensão de como crianças conhecem e lidam com a cultura escolar. Em outras palavras, o que se tem procurado entender é como crianças configuram seus “ofícios de aluno” (PERRENOUD, 1995) por meio da cultura de pares. A pesquisa no campo de estudos das Relações de Gênero (SCOTT, 1995; IZQUIERDO, 1994; CONNELL, 1995; NICHOLSON, 2000) já está constituída há algum tempo¹, porém o mesmo não acontece ainda com a Nova Sociologia da Infância (PROUT, 2010; QVORTRUP, 2010; CORSARO, 2011), que vem se constituindo como campo empírico no Brasil.

A seguir, apresento o desenvolvimento das pesquisas no âmbito de programas de mestrado e doutorado que analisam o desempenho escolar e a busca de compreensão do ofício de aluno, usando aportes teórico-metodológicos da Sociologia da Infância e das Relações de Gênero, expondo, assim, um panorama da produção acadêmica brasileira recente. Busco, assim, estabelecer algumas relações entre estes dois campos com o objeto de estudo proposto neste trabalho.

¹ A força e o volume de pesquisas que usam aportes teóricos das Relações de Gênero são tamanhos no Brasil que o *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, maior evento sobre a temática do mundo vinha sendo realizado bianualmente na Universidade Federal de Santa Catarina desde 1994 e como o evento tomou uma enorme magnitude, depois da edição de 2010, a organização decidiu por realizá-lo a cada três anos.

Desempenho escolar e gênero no Brasil

Na literatura científica educacional brasileira, desde o começo dos anos de 1970 tem se observado e questionado sobre o melhor desempenho escolar feminino. Observando trabalhos estrangeiros que apresentavam pesquisas onde as meninas obtinham melhores resultados em avaliações e menores taxas de evasão, repetência e problemas de aprendizagem, ao passo que no Brasil pesquisas deste tipo eram muito raras até então, Fulvia Rosemberg (1975) analisou os índices de alfabetização, matrícula, conclusão de curso e aprovação de estudantes brasileiros.

Embora bastante descritivo e inconclusivo, o artigo mostra resultados muito parecidos com aqueles observados em âmbito internacional à mesma época. Rosemberg (op. Cit.) termina questionando se a escola e a sociedade não exigiriam padrões de comportamento de submissão e passividade, mais comumente presentes em meninas e moças, enquanto dos meninos seriam exigidos “comportamentos diversos, passivo e combativo” e por isso eles acabariam vivendo em “desaprumo” (Ibidem, p. 84) entre o que a escola e a sociedade diferentemente lhes exigiriam. Este foi, senão o primeiro, um dos primeiros estudos a analisar o desempenho escolar (medido aqui com base em estatísticas de evasão e repetência escolar) a partir das Relações de Gênero no Brasil. Desde então, Fulvia Rosemberg tem dedicado parte de suas pesquisas à análise dos índices educacionais da população brasileira, em particular àquelas que compreendem estudos por sexo e cor/raça (ROSEMBERG, 2001; ROSEMBERG e MADSEN, 2011).

Dentre os trabalhos pioneiros que investigaram empiricamente o desempenho escolar sob o enfoque das Relações de Gênero, Gilda Olinto do Valle Silva (1993) perguntou-se se “no ambiente escolar brasileiro, a relação entre a origem social e o desempenho seria mediado por fatores culturais” e se “existiriam diferenças culturais relacionadas a gênero favorecendo esse desempenho [melhor das moças] apesar das expectativas desfavoráveis com relação à realização profissional da mulher” (Ibidem, p. 86). A autora faz uma investigação explorando primeiramente os resultados da PNAD de 1982, em que mostra que as meninas/moças têm taxas de aprovação escolar mais altas do que os meninos/rapazes no primeiro grau. Já no segundo grau o impacto dos fatores socioeconômicos desapareceria e só o gênero seria significativo.

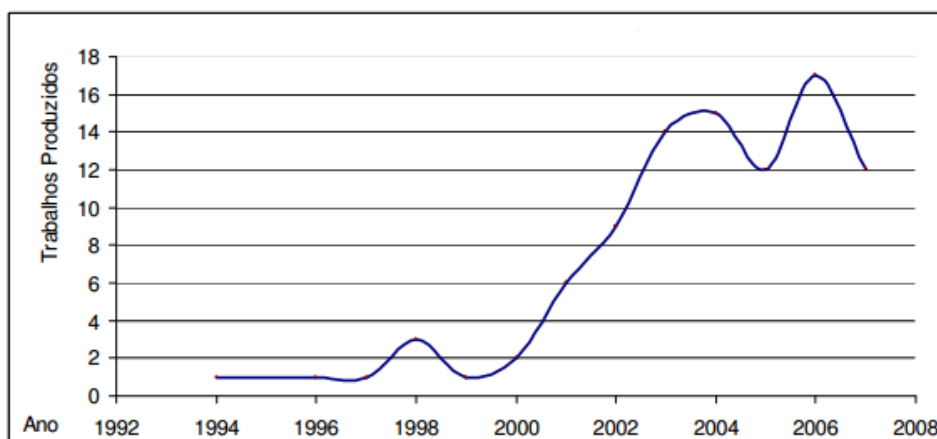
Num segundo momento, Valle Silva (1993) adentra num colégio público tradicional do Rio de Janeiro e, observando as notas dos alunos e alunas, constata

superioridade significativa nas notas de Português e História das moças e igualdade em Matemática e Biologia. Valle Silva (op. Cit.) conclui que “o maior envolvimento das meninas com a cultura de prestígio é notório: pertencer ao gênero feminino favorece o gosto e o hábito de leitura, assim como a participação em aulas de línguas” (Ibidem, p. 108). Embora não haja diferenças nas disciplinas de ciências exatas, ela conclui que é pela cultura que as mulheres garantem suas médias de conjunto mais altas. Produzida dentro de um programa de pós-graduação em Comunicação, esta tese estava preocupada com o modo como rapazes e moças se relacionam com a cultura de prestígio, produzindo e reproduzindo padrões de classe social e de gênero. Ainda assim, é um estudo bastante pioneiro na produção intelectual brasileira sobre desempenho escolar e Relações de Gênero.

Podemos destacar ainda o trabalho de Marlene Rozek (1996), que trouxe um problema de pesquisa inovador nos anos 1990, perguntando-se “como se mostra o processo de aprender e não-aprender em meninos cujo desempenho escolar foi considerado insatisfatório pela professora ou escola?” (p. 43). A autora descreve quatro casos de meninos por meio de metodologias ligadas à Psicologia, como anamnese e entrevista clínica, além de observações no espaço escolar. Uma das críticas à escola apontadas com maior ênfase neste estudo é da falta de espaço para as relações afetivas na escola de ensino fundamental (Ibidem, p. 104), destoando muito do trabalho que geralmente é proposto para as escolas de educação infantil.

Desempenho escolar e gênero: Pesquisa nos anos 2000

Na primeira década do século XXI o tema da pesquisa sobre desempenho escolar e gênero emergiu na agenda de pesquisa. No gráfico a seguir (CARVALHO, PEREIRA e SANTOS, 2011, p. 4), podemos observar um aumento no volume de trabalhos que incluíram gênero em suas análises. Entre eles, é possível destacar os trabalhos de Thaís Juliana Palomino (2004), que fez observações em sala de aula e entrevistou uma professora tentando buscar possíveis relações entre sexo, cor e constituição familiar com o desempenho dos alunos de uma turma dos anos iniciais do ensino fundamental, e de Rosemeire dos Santos Brito (2004), que esteve preocupada com o fracasso escolar, entrevistando a professora de uma turma de ensino fundamental e as famílias de dois meninos e duas meninas.



Fonte: CARVALHO, PEREIRA e SANTOS, 2011, p. 4

Entre outros problemas, o trabalho de Maiara de Oliveira Carvalho (2005) se propunha verificar como as professoras lidam com a diversidade cultural no cotidiano escolar. O gênero apareceu com intensidade, nas falas das professoras sobre os comportamentos e atributos de meninos e meninas, tais como inteligência, índice de ausências, sexualidade. Interessante notar que, nesta investigação ocorrida num pequeno município do interior Rio Grande do Sul, as falas das professoras eram muito parecidas com as falas ouvidas por pesquisadores internacionais e também de grandes centros urbanos brasileiros.

O que podemos observar nos trabalhos produzidos por pós-graduandos e pós-graduandas durante os anos 2000 é que existe a preocupação em romper com a ideia da vitimização dos meninos (BRITO, 2004, p. 30-42), que vem de acordo com pesquisas internacionais como as de Raewyn Connell (2000) e David Jackson (1998), bem como a produção brasileira de Carvalho (2003; 2004b). Estes estudos questionam a ideia de que meninos fracassariam na escola em maior número do que as meninas porque esta seria uma instituição feminizada, pela natureza das profissionais que nela atuam.

Podemos observar também tentativas de rompimento com o pensamento bipolar (JACKSON, 1998), atribuindo causas das dificuldades escolares à natureza masculina em contraponto à natureza passiva feminina (PALOMINO, 2004; PEREIRA, 2008). A busca pelo conhecimento de quem são as crianças que vão mal na escola, ou seja, o questionamento da noção de que apenas alunos do sexo masculino têm baixo desempenho escolar e a tentativa de compreensão sobre quais características teriam os alunos e alunas com bom desempenho, levaram algumas pesquisadoras a buscar explicações não apenas nas Relações de Gênero. A categoria *gênero*, portanto, não pode

ser a única levada em conta (CARVALHO, 2003, 2011b), devendo ser analisadas suas inter-relações com classe, raça e geração, por exemplo.

O que se tem percebido é que a maior parte das pesquisas nesta linha temática tem tomado o “fracasso escolar” como ponto de partida e analisado o cotidiano escolar a partir da ótica das professoras, principalmente, e das famílias, em detrimento da investigação com as crianças dos motivos e dos fenômenos que possam levar a algum tipo de fracasso na escola (repetência, abandono, não-aprendizagem, etc). A escassez de trabalhos desenvolvidos, entretanto, torna desafiadora e instigante a produção de uma pesquisa preocupada em ouvir o que as crianças pensam sobre como deve ser um aluno ideal e o que dizem sobre seu relacionamento com o saber escolar.

Avaliação escolar, gênero e raça

Podemos observar durante os anos 2000 uma série de investigações desenvolvidas por Marília Pinto de Carvalho, cujo conjunto (2009) mostra o percurso de pesquisa, com estudos exploratórios, percepção das lacunas no conhecimento acumulado, trabalho de campo prolongado e por etapas, trazendo contribuições importantíssimas e articulando classe, cor/raça e gênero em sua análise teórica.

Partindo principalmente da literatura estrangeira e de estudos de natureza majoritariamente quantitativa, Carvalho (2009) foi descobrindo que não bastava ter em mãos as notas obtidas pelos alunos nos testes padronizados de avaliações de larga escala:

[...] para saber quais eram os alunos considerados com dificuldades de aprendizagem, era preciso consultar cada professora, pois não havia coincidência entre sua avaliação expressa oralmente, os registros de conceitos, as indicações para o reforço e as reprovações ocorridas ao final do ano. (Ibidem, p. 22)

No estudo em continuidade constatou-se, a partir de entrevistas, que as equipes escolares tinham dificuldades em definir com clareza os objetivos de aprendizagem e os critérios de avaliação, os conceitos acabavam por ser definidos, muitas vezes, levando-se em conta também os aspectos do comportamento e da disciplina dos alunos e alunas:

Quem efetivamente se encaixava no perfil de excelente aluno, participativo, crítico e ao mesmo tempo cumpridor de tarefas, rápido na aprendizagem e organizado era um pequeno número de meninas questionadoras e, em especial, um número significativo de meninos, quase todos vistos como brancos ou brancas pelas professoras. (Ibidem, p. 38)

Carvalho (op. Cit.) mostra como os padrões de comportamento de meninas e de meninos observados pelas professoras influem na atribuição dos conceitos. Meninas com o desenvolvimento físico quase completo e com comportamentos que denotavam uma sensualidade aflorada eram mal vistas, sendo valorizadas aquelas com comportamentos mais independentes e assertivos do que submissas e sensuais. Os meninos pareciam ter um duplo desafio: balancear seu desempenho escolar com a afirmação de sua masculinidade. A autora alerta para o fato destas características não serem generalizáveis para todas as meninas e todos os meninos, descrevendo diferentes feminilidades e dando exemplos de como os meninos fazem para balancear a organização e o capricho do caderno, por exemplo, com as bagunças e as relações de amizade e inimizade em sala de aula.

Partindo, então, para uma nova fase da pesquisa, perguntando-se se “a adoção de critérios de avaliação de aprendizagem bem delimitados e referidos ao conteúdo curricular pode minimizar a influência das desigualdades de renda, sexo e raça na avaliação” (Ibidem, p. 61), a autora entrevista professoras alfabetizadoras que pareciam ter maior clareza dos critérios que utilizavam. As nove professoras participantes desta fase da pesquisa foram divididas em dois grupos, um daquelas que utilizavam na avaliação estritamente a hipótese de escrita em que a criança estava e outro que utilizava uma “visão global do aluno ou aluna”, considerando a aprendizagem, os comportamentos, os problemas familiares, entre outros aspectos inerentes ao conhecimento dos códigos de escrita (Ibidem, p. 78).

Por fim, Carvalho (op. Cit.) faz uma discussão bastante interessante sobre o desempenho escolar expresso pelas professoras das crianças das escolas pesquisadas no que diz respeito à renda, raça e sexo. A autora encontra bastante semelhança entre aquilo que observou ao longo dos anos com o que tem visto na literatura estrangeira e reitera que “a questão do desempenho escolar não é um problema dos meninos, mas de uma parte deles, o que obriga o pesquisador a considerar simultaneamente gênero, *status* social e raça ou cor” e “os critérios de avaliação utilizados pelas professoras estão marcados por suas concepções de gênero e raça, em especial naquilo que diz respeito ao comportamento de alunos e alunas, julgados com base no que é definido como comportamento adequado” (Ibidem, p. 122).

Sociologia da Infância: Um campo em ascensão no Brasil

Espero trazer uma contribuição para o campo dos estudos em Educação buscando, também, aportes teóricos na Sociologia da Infância, emergente em âmbito mundial desde os anos 1970 (PROUT, 2010) e no Brasil desde a década de 1990. Estudos da infância que incorporaram as relações raciais e de gênero à análise do desempenho escolar também são escassos, ficando em sua maioria restritos a alguns trabalhos empíricos e, como alertava Jucirema Quinteiro (2003), vazios de debate teórico ou de análise cuidadosa. Patrícia Penna (2009) e Tânia Cruz (2004) entrevistaram e observaram crianças procurando fazer análises que envolvessem gênero, cor/raça e/ou renda. A primeira investigou as estratégias que alguns alunos e alunas traçavam para permanecerem “invisíveis” na sala de aula, perante o olhar da professora. A segunda pesquisou as relações entre crianças no momento do intervalo (recreio).

Para Ana Cristina Coll Delgado e Fernanda Müller (2005), “ainda temos um longo caminho a trilhar no que se refere à consolidação da Sociologia da Infância no Brasil” (p. 353). Altino José Martins Filho (2010) considera que este campo dos estudos ainda é muito novo e que são poucos os trabalhos que considerem “as crianças como informantes e interlocutoras competentes para falarem de si mesmas durante a coleta dos dados” (p. 1). O autor encontrou 25 trabalhos em Reuniões Anuais da ANPED, entre pôsteres e comunicações, no período de 1999 a 2009, apresentando resultados de pesquisas com crianças. Apesar de não apresentar se houve crescimento do número de pesquisas no período pesquisado, a média de 2,27 trabalhos apresentados por ano parece indicar que a Sociologia da Infância ainda não havia se constituído como um campo de expressão e tradição na pesquisa em Educação.

Isabel de Oliveira e Silva, Iza Rodrigues da Luz e Luciano Mendes Faria Filho (2010) apresentaram um mapeamento dos grupos de pesquisas cadastrados junto ao CNPq que produziam pesquisas sobre a infância, a criança e a educação infantil em 2008. O trabalho mostra que há produção em todas as regiões do Brasil sobre estes temas, com predominância das regiões Sudeste e Sul, que concentravam cerca de 60% dos grupos de pesquisa do país (Ibidem, p. 89). Os autores apresentaram também que a maioria dos líderes destes grupos são pesquisadores com pouco tempo de titulação (Ibidem, p. 91), o que mostra que o interesse por estas áreas de estudos tem crescido no âmbito da pesquisa brasileira recente, embora apenas cinco grupos de pesquisa

utilizassem a expressão *Sociologia da Infância* nas palavras-chave dos temas que desenvolvem (Ibidem, p. 90).

Fica a dúvida se os grupos que não utilizam a expressão *Sociologia da Infância* como palavra-chave na sua descrição fazem uso destas teorias e ferramentas metodológicas; mas podemos levantar a hipótese de que, por não ser mencionada entre as cinco palavras-chave que cada grupo deve elencar no seu registro junto ao CNPq, a Sociologia da Infância ainda não seja uma área forte de investigação.

Sociologia da Infância e Desempenho escolar

Em levantamento que realizei no banco de teses da CAPES em dezembro de 2011, poucos estudos apareceram analisando aspectos do desempenho escolar e do ofício de aluno usando aportes teóricos da Sociologia da Infância. Praticamente todos os estudos que se preocupam com o modo como crianças organizam sua vida escolar foram produzidos a partir do ano de 2009. Coincidentemente ou não, é o mesmo ano em que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional sofreu a alteração da idade da entrada no primeiro ano do ensino fundamental. À época, houve grande discussão a respeito de qual seria o papel da escola de educação infantil frente à de ensino fundamental em relação aos “ofícios de criança” e de “aluno”. Esta preocupação parece ter motivado alguns estudos, como os de Juliana Wild do Vale Matsuzaki (2009), Vanessa Ferraz Almeida Neves (2010), Márcia Agostinho da Silva (2010) e de Flávia Miller Naethe Motta (2011).

Juliana Wild do Vale Matsuzaki (2009) mostra uma clara preocupação com a presença de crianças de seis anos no ensino fundamental logo no seu título, que é bastante sugestivo – “Na Primeira Série aos Seis Anos” – e diz que, mesmo nunca tendo frequentado a escola fundamental, crianças têm alguns conhecimentos sobre o “papel” que deverão desempenhar enquanto “alunos”, tem expectativas do uso do caderno, da lição de casa, de prestar atenção enquanto a professora explica alguma coisa, mas ao mesmo tempo, à medida que o tempo passa e as crianças precisam se adaptar à cultura da escola, elas parecem se desgostar desse papel (Ibidem, p. 140).

Vanessa Ferraz Almeida Neves (2010) acompanhou alunos e alunas durante o último ano da educação infantil e primeiro ano no ensino fundamental e observou um “grande esforço de adaptação por parte das crianças pesquisadas, uma vez que

vivenciaram práticas educativas nas duas instituições muito distantes umas das outras” (p. 257). Márcia Agostinho da Silva (2010), na mesma direção, esteve preocupada com o que ela chamou de “entre-lugar”, ou seja, como os pequenos participantes de sua pesquisa faziam para equilibrar o ser criança e o ser aluno no contexto da escola. Flávia Miller Naethe Motta (2011) também vai fundo na investigação das tensões que ocorrem na passagem da educação infantil para o ensino fundamental, trazendo ações que as crianças passam a ter no ensino fundamental para burlar algumas regras, levantando a questão de que as culturas escolares coformam um “tipo de subjetividade bem específica: a de aluno” (p. 167).

O estudo de Márcia Elisabete Wilke Franco (2009) conclui que o espaço escolar é um espaço privilegiado de interações, mais que de estudo, para crianças. Na mesma direção, Mayanna Auxiliadora Martins Santos (2009) observou como as crianças organizam-se em grupos de pares definidos no contexto escolar, sendo a resistência ao que lhes era solicitado, um fator marcante nessas constituições grupais. Dagma Heinkel (2010) concluiu que, mesmo estando na escola, crianças não deixam de exercer o “ofício de criança”, mantêm suas relações entre pares, encontram espaço para o lúdico, ainda que usando os próprios artefatos e materiais escolares. Estes são todos os trabalhos defendidos em programas de pós-graduação em educação encontrados na base CAPES de teses e dissertações com os descritores “Sociologia da Infância” e “ofício de aluno”.

Ainda há que se retomar uma leitura mais cuidadosa deles, para averiguar o nível de qualidade da produção, mas de antemão se pode dizer que se trata de um tema pouco estudado e muito recente, que compara os princípios da educação infantil de valorização do brincar e da interação frente a uma devastação da vontade de estudar que a entrada no ensino fundamental produz ao disciplinar os corpos infantis para que permaneçam sentados e atentos a todo momento. A maior parte destes estudos apreendeu como crianças fazem para burlar as regras escolares, a fim de manifestarem seu “ofício de criança” dentro da instituição, a saber, brincar, desenvolver alguma atividade lúdica, muitas vezes proibida. É necessário que se produzam mais investigações, principalmente no âmbito das relações sociais entre as crianças para compreender quais estratégias elas utilizam para estudar e aprender, como configuram seu ofício de aluno frente às regras que, muitas vezes, lhes são opressoras e como se organizam entre pares para ajudarem-se mutuamente.

Qual a contribuição da Sociologia da Infância para estudos do desempenho escolar?

Penso que ao ouvir o que crianças têm a dizer sobre seu trabalho como alunos e alunas a discussão a respeito das dificuldades que podem levar a situações de fracasso escolar possa avançar. Espero compreender melhor quem são e o que pensam as crianças que apresentam bom desempenho escolar e também aquelas que estão começando a apresentar mau desempenho e podem vir a ter trajetórias de fracasso escolar. A Sociologia da Infância tem sido muito útil como ferramenta teórico-metodológica.

Jucirema Quinteiro dizia que “pouco se sabe sobre as *culturas infantis*, porque pouco se pergunta às crianças e, ainda assim, quando isso acontece a ‘fala’ apresenta-se solta no texto, intacta, à margem das interpretações e análises dos pesquisadores” (2003, p. 4, grifos da autora). Em 2003, Quinteiro afirmava que, no Brasil, os estudos sobre crianças como atores sociais, “parecem ter ampliado o seu campo de pesquisa e adquirido um certo estatuto teórico-metodológico” (p. 4). Quinteiro observava ainda que havia uma dispersão de temas “pautados por estudos empíricos e ausência de debates teóricos” (Ibidem, p. 5), porém, apesar desta dispersão, o interesse dos pesquisadores sobre temáticas que investiguem as crianças como agentes e atores sociais e o surgimento de grupos de pesquisa debatendo a Sociologia da Infância tem apontado para um crescimento do campo no Brasil.

A pesquisa em Educação e Relações de Gênero, mesmo consolidada há alguns anos no Brasil, ainda apresenta algumas lacunas, principalmente no que se refere às diferenças de gênero no desempenho escolar. Quase não há trabalhos sobre Desempenho Escolar utilizando aportes teórico-metodológicos ligados às Relações de Gênero e que se preocuparam em observar ou ouvir o que os alunos fazem ou pensam. Espero, com este debate, contribuir com outros pesquisadores e pesquisadoras, apontando novos caminhos e problemas de pesquisa e abrir espaço para diálogos sobre esta pesquisa que está em andamento.

Acredito que o currículo oculto (SANTOMÉ, 1995) possa estar associado à determinação do tipo de relação que cada criança estabelece com o saber escolar e, em consequência, com o bom ou mau desempenho escolar dos alunos e alunas. É de

fundamental importância investigar os processos não planejados de ensino, sobretudo, como as crianças interpretam sua estada na escola e configuram seu ofício de aluno.

Para tanto, a análise da organização dos estudos e das interações entre pares será de suma importância. Assim, acredito que as aprendizagens informais a cada chamada de atenção ou “bronca” recebidas da professora, bem como as relações de amizade e sociabilidade de algumas crianças para com outras sejam determinantes do desempenho escolar.

Em suma, parto da ideia de que há profundas desigualdades na educação brasileira que perpassam gênero e raça, principalmente. Estas desigualdades ampliam-se quanto mais velhos os alunos e alunas se tornam, evidenciando que existem trajetórias de “fracasso”, originadas por problemas de adaptação às dinâmicas escolares, ou seja, àquilo que a escola espera de seus alunos, o “ofício de aluno”, podendo inclusive levar a encaminhamentos para tratamentos médicos ou psicológicos. Pouco também se tem perguntado, ainda, às crianças sobre seu desempenho e como fazem para organizar seu trabalho como aluno ou aluna. Afinal, como crianças aprendem a ser aluno? Como crianças com bom desempenho escolar (medido através de notas ou conceitos) vivenciam aquilo que a escola lhes oportuniza? Como crianças com mau desempenho fazem para sobreviver à escola? Em quais aspectos a tarefa de se tornar aluno é igual e em quais aspectos é diferente para meninos ou meninas, negros e brancos? Persistimos em busca de explicações.

Referências Bibliográficas

BRITO, Rosemeire dos Santos. **Significados de Gênero do Fracasso Escolar: Quando os modelos polares de sexo não são suficientes**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CARVALHO, Maiara de Oliveira. **Práticas pedagógicas do cotidiano escolar no ensino fundamental: relações entre multiculturalidade e as questões de gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Luterana do Brasil, Canoas/RS, 2005.

CARVALHO, Marília Pinto de. **Análise bibliográfica sobre gênero e desempenho escolar: Relatório final**. Relatório de Pesquisa. São Paulo: CNPq/FEUSP; 2011a.

_____. **Avaliação Escolar, Gênero e Raça**. Campinas (SP): Ed. Papyrus, 2009.

_____. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 554-574, 2001.

_____. O conceito de gênero: Uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da ANPED (1999-2009). **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro/RJ, v. 16, n. 46, pp. 99-117, jan-abr. 2011b.

_____. O fracasso escolar de meninos e meninas: articulações entre gênero e cor/raça. **Cadernos Pagu**, Campinas/SP, v. 22, pp. 247-290, 2004a.

_____. Quem são os meninos que fracassam na escola? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo/SP, v. 34, pp. 11-40, 2004b.

_____. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. **Educação e Pesquisa** (USP), São Paulo, v. 29, n. 01, p. 185-193, 2003.

COHEN, Michèle. A habit of healty idleness: boys underachievement in historical perspective. EPSTEIN, Debbie *et al.* **Failing boys?** Issues in gender and achievement. Buckingham: Open University Press, 1998. p. 19-34.

CONNELL, Robert W. **Masculinities**. Berkeley: University of California Press, 1995.

_____. Teaching the boys. In: **The men and the boys**. Berkeley: Berkeley University Press, 2000, p. 148-176.

CONNOLLY, Paul. **Boys and schooling in the early years**. Oxford (Reino Unido): RoutledgeFarmer, 2004.

CORSARO, William A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre (RS): Ed. Artmed, 2ª edição, 2011.

CRUZ, Tânia Mara. **Meninas e meninos no recreio: gênero, sociabilidade e conflito**. Tese de Doutorado em Sociologia da Educação/USP, 2004.

DAL IGNA, Maria Cláudia. **“Há Diferença?” – Relações entre Desempenho Escolar e Gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DELGADO, Ana Cristina C.; MÜLLER, Fernanda. Sociologia da Infância: pesquisa com crianças. **Educação e Sociedade**, vol. 26, n. 91 (Sociologia da Infância: pesquisas com crianças). Campinas: CEDES, 2005.

FRANCO, Márcia Elisabete Wilke. **Possibilidades de Viver Infâncias**: Um estudo a partir da ótica de crianças entre 5 e 12 anos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo/RS, 2009.

HEINKEL, Dagma. **Ser criança é ir à escola, ter amigos de montão**: A escuta da infância em seu “ofício de aluno”. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) – Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul, Ijuí/RS, 2010.

IZQUIERDO, María Jesús. Uso y abuso del concepto de género. In: VILANOVA, M. (comp.). **Pensar las diferencias**. Barcelona (Espanha): Universitat de Barcelona/Institut Catalá de la Dona, 1994.

JACKSON, David. Breaking out of the binary trap: boys' underachievement, schooling and gender relations. In: EPSTEIN, Debbie et al. **Failing boys?** Issues in gender and achievement. Buckingham: Open University Press, 1998.

JONES, Susan e MYHILL, Debra. Seeing things differently: teachers' constructions of underachievement. **Gender and Education**, Vol. 16, n. 4, p. 531-546, dez. 2004.

MARTINS FILHO, Altino José. **Jeitos de ser criança: Balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas na ANPEd**. In: 33ª Reunião Anual da ANPEd, 2010, Poços de Caldas/MG. Educação no Brasil: O balanço de uma década. Disponível em:
<http://www.anped.org.br/33encontro/app/webroot/files/file/Trabalhos%20em%20PDF/GT07-6068--Int.pdf> (acessado em 22/11/2010, 21h30).

MATSUZAKI, Juliana Wild do Vale. **Na primeira série aos seis anos**: as experiências das crianças/alunas e da professora/pesquisadora no ambiente escolar. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo/SP, 2009.

MOTTA, Flávia Miller Naethe. De crianças a alunos: transformações sociais na passagem da educação infantil para o ensino fundamental. **Educação e Pesquisa**, São Paulo/SP, v. 37, n 1, p. 157-173, 2011.

NEVES, Vanessa Ferraz Almeida. **Tensões contemporâneas no processo de passagem da educação infantil para o ensino fundamental**: Um estudo de caso. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, 2010.

NICHOLSON, Linda. Interpretando o gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 08, n. 02, pgs. 09-42, 2000.

PALOMINO, Thaís Juliana. **Meninos e meninas em escola de periferia urbana: a relação entre fracasso escolar e sexo, cor e organização familiar**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2004.

PENNA, Patrícia Martins. **Cenas do cotidiano escolar: visibilidades e invisibilidades**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

PEREIRA, Fábio Hoffmann. **Encaminhamentos a Recuperação Paralela: um olhar de gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar**. Porto (Portugal): Porto Editora, 1995.

PROUT, Alan. Reconsiderando a nova Sociologia da Infância. São Paulo: **Cadernos de Pesquisa**, vol. 40, n. 141, set/dez 2010, pp. 729-750.

QUINTEIRO, Jucirema. **A emergência de uma sociologia da infância no Brasil**. In: 26ª Reunião Anual da ANPED, Poços de Caldas. Novo Governo? Novas Políticas?, 2003, v. I.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 36, n. 02, mai-ago 2010.

ROSEMBERG, Fúlvia. A escola e as diferenças sexuais. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n. 15, 1975.

_____. Educação Formal, Mulher e Gênero no Brasil Contemporâneo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 9, n. 2, 2001.

ROSEMBERG, Fulvia; MADSEN, Nina. Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo. In: BARSTED, Leila Linhares e PITANGUY, Jacqueline (Orgs.). **O Progresso das Mulheres no Brasil 2003–2010**. Rio de Janeiro: CEPIA ; Brasília: ONU Mulheres, 2011. p. 390-434.

ROZEK, Marlene. **O que está acontecendo com meninos na escola? Aprender e não-aprender e gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **O Currículo Oculto**. Porto/Portugal: Porto Editora, 1995.

SANTOS, Mayanna Auxiliadora Martins. **O encontro entre crianças e seus pares na escola: Entre visibilidades e possibilidades**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, 2009.

SCOTT, Joan W. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre: n. 20, v.2, pgs. 71-100, 1995.

SILVA, Cármen A. Duarte da (et. alli). Meninas bem-comportadas, boas alunas; meninos inteligentes, indisciplinados. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 107, p. 207-225, jul 1999.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. **Reprodução de classe e reprodução de gênero através da cultura**. 1993. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

SILVA, Isabel de Oliveira; LUZ, Iza Rodrigues da; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Grupos de pesquisa sobre infância, criança e educação infantil no Brasil: primeiras aproximações. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 43, jan./abr. 2010, pp. 84-97.

SILVA, Márcia Agostinho da. **“Vai sentar, parece que tem bicho forgulha no corpo!”**: O lugar das crianças no proceso inicial de escolarização no ensino fundamental. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC, 2010.